



ARTICULAÇÃO PELA RESTAURAÇÃO DO CERRADO



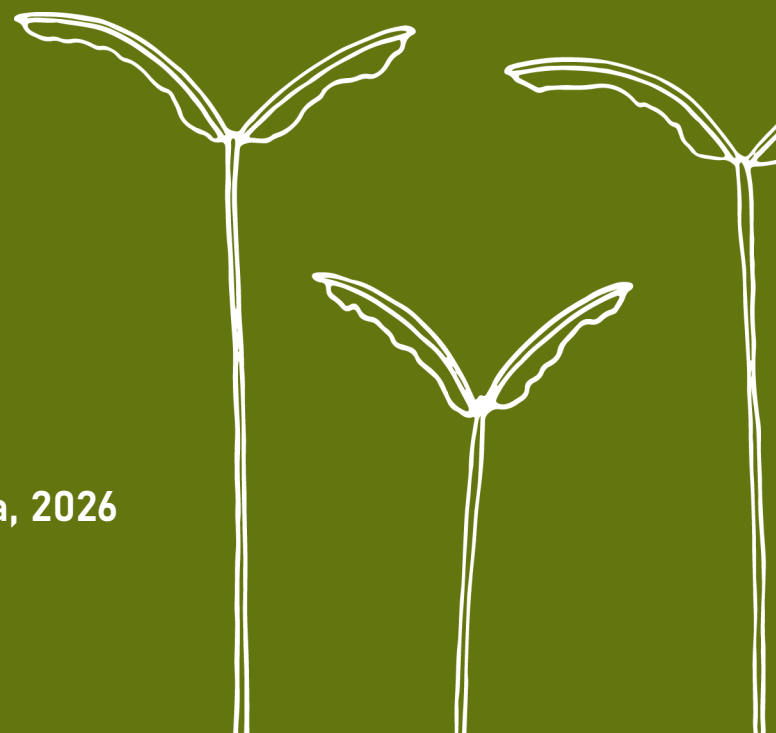
Diagnóstico socioambiental

Redes comunitárias
Coletoras de sementes
do Cerrado

Diagnóstico socioambiental

Redes comunitárias coletoras de sementes no Cerrado

Brasília, 2026



Execução

ARATICUM – Articulação pela Restauração do Cerrado

Apoio

Instituto Clima e Sociedade (ICS)

Rede de Sementes do Cerrado (RSC)

Redário

WWF-Brasil

Coordenação

Anabele Gomes – Rede de Sementes do Cerrado

Natanna Horstmann – Rede de Sementes do Cerrado

Concepção, coleta e análise de dados

Yasmin Tavares – Articulação pela Restauração do Cerrado

Elaboração do texto

Yasmin Tavares – Articulação pela Restauração do Cerrado

Revisão de conteúdo

Abílio Vinicius Pereira – WWF - Brasil

Anabele Gomes – Rede de Sementes do Cerrado

Carolina Marcial - WWF - Brasil

Daniel Vieira - Embrapa

Natanna Horstmann – Rede de Sementes do Cerrado

Raffaella Fonseca - WWF - Brasil

Projeto gráfico

Isabella Lucena

Capas

João Pedro Gomes Pereira

Infográficos e ilustrações

Luana Santa Brígida



Licença Creative Commons

Esta obra está licenciada sob a Licença Creative

Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional.

Participantes das rodas de conversa e construção do conteúdo

Rede Sementes do Paraíso

Zenilda Pereira Costa
Neidi Aparecida Sousa
Isadora Laís Sousa Ferreira
Simone Costa do Nascimento
Maria de Fátima Sousa Santana
Helenice Ferreira Santana
Madalena Izabel Sousa Ferreira
Rosalina Ferreira
Marcelino Ferreira Santana
Gilson Pereira Neres

Rede de Coletores Geraizeiros (COOCREARP)

José da Silva
Ronei Ribeiro da Slva
Fabricia Santarem Costa
Gilmar Gonçalves Primo
José Arnaldo Gonçalves Mendes
Graciana Mendes
Alex Nogueira Carlos
Edianilha Pereira Ribos
Laurita Cardoso Pardim
Maria Pereira Ribos
Mateus Pereira dos Santos

Cooperativa do Vale do Peruaçu (COOPERUAÇU)

Aldenir Ferreira da Mota
Arcanja Fernandes Lisboa
Arlinda Correa de Moura
Benvina Nunes Leite
Delicia Correa de Mota Reis
Eurica Ferreira Leite Mota
Flaviano Ferreira dos Santos
Izabel Fernandes Lisboa
Jorge Martins Correa
Lucilene Pinheiro Lima
Maria Dalva Fernandes Guimarães
Benvina Nunes Leite

Sueli Rodrigues dos Santos
Roseli Vieira de Menezes Brito
Daygon de Menezes Brito
Valdomiro da Mota Brito

Rede de Sementes do Araguaia (RESSEMEAR)

Gleiciane Santos
Maria do Rosário da Silva
Lidejane Lopes de Oliveira
Maria Aparecida Pinheiro
Maria Clara Pinheiro
Madalena Nascimento
Maria Divina Dias de Oliveira
Fernanda da Silva Oliveira
Ludmila Rodrigues
João Manoel Pinheiro Alves
Edson Sampaio da Costa
Aldeir Dias de Souza
Antonio José de Carvalho

Rede de Sementes do Oeste da Bahia (ARSOBA)

Ivanete da Silva Sena
Raiane Barbosa dos Santos
Claudiane Ferreira Sousa
Flabeis B.S.
Sara Rayane S. de Oliveira
Danielle da B. Silva
Debora da Silva Alves
Silvania de B. da Correia
Daiane dos Santos
Martha E. dos Santos
Civaldo Barbosa
Evelina dos Santos Silva
Nizete Francisca da Conceição
Deuseley R. de Sousa
Juciene Maria dos Santos
Sirlei de Maria
Marineide Maria

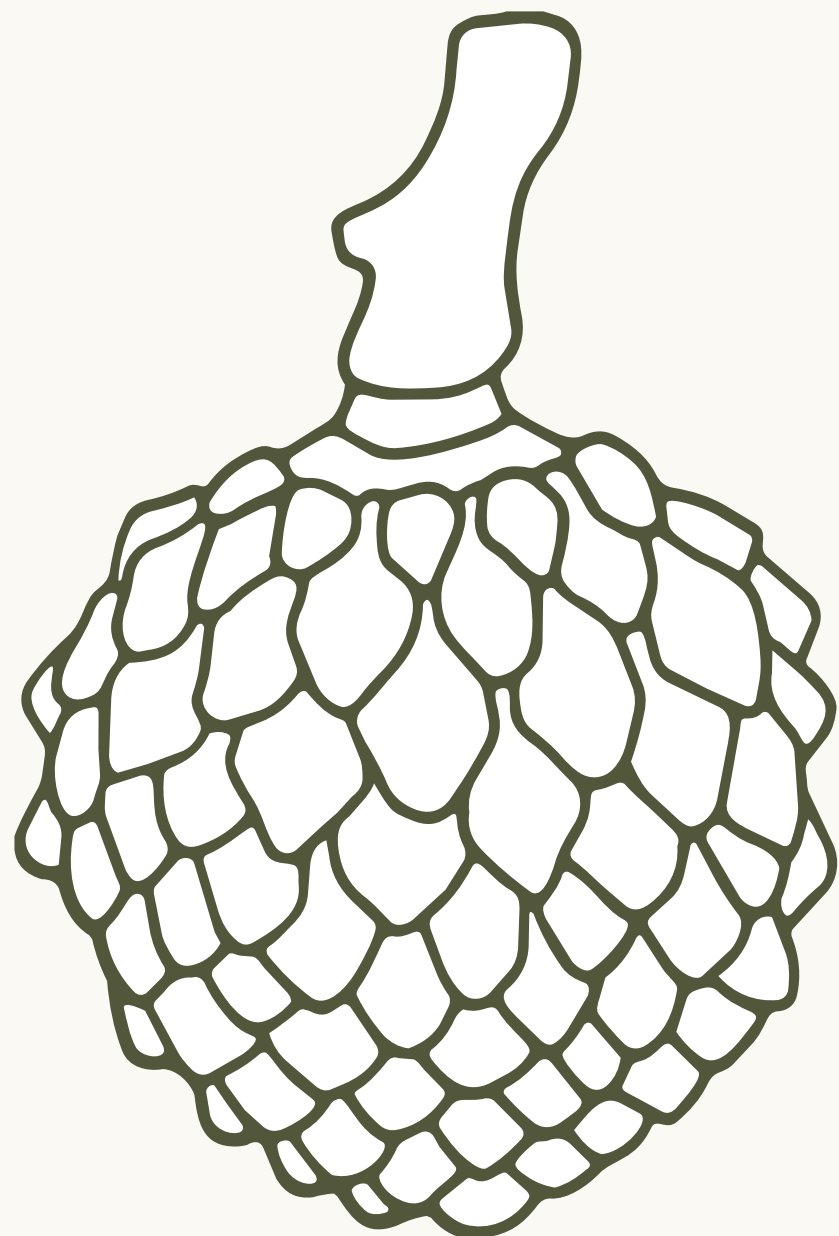
Associação Cerrado de Pé (ACP)

Gerson
Claudomiro de Almeida Cortes
Abel Maia dos Santos
Jáder Guilhermino de Brito
Tales Emanuel Barbosa Almeida
Emiverton de Souza Fernandes
Jane Kelly Carmina dos Santos
Wender Sousa dos Santos
Cintia Carvalho
Rosilene Lima Soares
Milena Soares Pereira
Agridina Pereira Tartuliano
Emilio Francisco Ferreira
José Gonçalves dos Santos
Domingos Carlos Nano
Joana Gonçalves dos Santos
Adelice Farias da Silva
Suzideth Soares da Cunha
Glênio Francisco de Torres
Elias José Fernandes
Adão Carvalho Dias
Detina dos Santos Rosa
Ivoni dos Santos Rosa
Evangelista de Jesus Vila Nova
Tereza Cesario de Torres
Clarinha dos Santos
Domingas Marques
Eva Pereira Dourado
Silvani dos Santos Rosa
Gerdilei Pereira Soares
Edilene Antonia de Aquino
Tainá de Aquino Pereira
Edelza da Costa Marques
Darcília Jose de Torres
Geruza Soares Pereira
Rosimar Lima Soares
Joana Fernandes dos Santos
Joselia Dias de Sousa
Joice Soares dos Santos
Gilza Souza Costa
Leci da Cunha Santiago
Josefa de Castro Torres
Claro Pereira dos Santos
Vandeny Farias Pereira e Silva
Filomena Soares
Janaina Fernandes dos Santos
Antonia Fernandes dos Santos
Aparecida Fernandes da Cunha

Francina Fernandes dos Santos
Maria Livramento Pereira Soares
Zilda da Silva Santiago
Elza Alves dos Santos
Ana Lucia Fernandes dos Santos
Ana Aparecida Francisco da Conceição
Jeane Fernandes dos Santos
Elith Costa
Justina dos Santos
José Pereira Fernandes
Abel Maia dos Santos
José Pereira Dias
Dezy da Cunha e Silva
Zenilda da Silva Rosa
Rosa do Santos
João Fernandes dos Santos
Marlene dos Santos Pereira
Roseli da Costa Santos
Revalino Maia dos Santos
Emilio de S. Fernandes
Marli Pereira da Silva

Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu – APROSPERA / Rede Cora

Vinicius Santos Lima
Emellyn Ribeiro de Souza
Deuseli Cirino de Paiva
Dayane E. da Silva
Allf Santos Lima
Luis Walisson G. Azevedo
Luis Ferreira de Azevedo
Jefferson Santos dos Anjos
Patrícia de Oliveira Rodrigues
Francisca Inês do Nascimento
Hilda Maria dos Santos
Elisangela Justino dos Santos
Wesley B.
Irene Carvalho da Silva
Emilene Santos de Paiva
Kleyton Marcos V. de Sousa



SUMÁRIO

Apresentação 09

Metodologia 13

Resultados 17

Apresentação das organizações participantes.....18

Caracterização das redes de sementes participantes.....20

Condições sociais32

Protagonismo de jovens e mulheres38

Conclusões e recomendações 44

Referências 47

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Associação Cerrado de Pé (ACP).....18

Figura 02. Cooperativa do Vale do Peruaçu (COOPERUAÇU).....18

Figura 03. Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (APROSPERA).....18

Figura 04. Rede de Coletores Geraizeiros (COOCREARP).....19

Figura 05. Rede Sementes do Paraíso19

Figura 06. Rede de Sementes do Oeste da Bahia (ARSOBA).....20

Figura 07. Rede de Sementes do Araguaia (RESSEMEAR).....20

Tabela 01. Caracterização das redes de sementes participantes.....21

Figura 08. Localização das organizações coletoras de sementes participantes.....22

Figura 09. Programas sociais acessados pelas redes de sementes de base comunitária no Cerrado.....23

Figura 10. Atuação das organizações nas diferentes etapas da restauração.....25

Figura 11. Principais motivações mencionadas pelas coletoras e coletores de sementes.....28

Figura 12. Benefícios desejados pelas organizações coletoras de sementes.....29

Figura 13. Cenário de degradação nos territórios e regiões do entorno.....30

Figura 14. Principais atividades baseadas na natureza realizadas pelas organizações coletoras de sementes.....31

Figura 15. Participação social de coletoras e coletores de sementes nos processos de tomada de decisão nos projetos relacionados à semente.....33

Figura 16. Desafios relacionados à semente vivenciados por coletoras e coletores.....34

Figura 17. Mudanças percebidas na cultura local vinculadas à coleta de sementes.....36

Figura 18. Participação das Organizações na elaboração e gestão de projetos.....37

Figura 19. Oportunidades provenientes da coleta de sementes apontadas por coletoras e coletores de sementes.....39

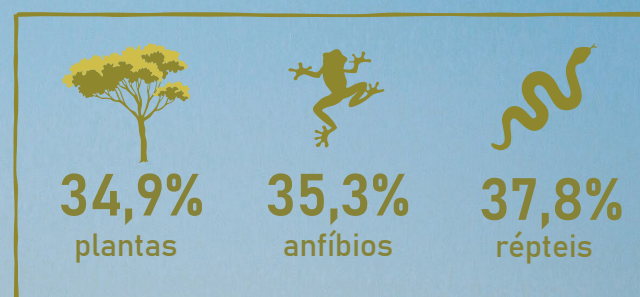
APRESENTAÇÃO



01

O Cerrado, localizado no Planalto Central do Brasil, é um mosaico de diferentes tipos de vegetação – distribuídos entre formações campestres, savânicas e florestais. Sua cobertura original ocupava cerca de 25% do território nacional, com ocorrência em 11 estados brasileiros e faz conexão com importantes biomas, como a Amazônia, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica. Essa ampla diversidade de paisagens e espécies posiciona o Cerrado entre os 35 ecossistemas mundiais classificados como “hotspots” – os biomas mais biodiversos e ameaçados do planeta.

Os “hotspots” de biodiversidade são regiões que possuem ao menos 1.500 espécies de plantas endêmicas com perda de, no mínimo, 70% do seu habitat natural. No Cerrado, o alto nível de endemismo se expressa na fauna e flora, com destaque para:



(Sawyer et al., 2018).

As principais nascentes e áreas de contribuição hídrica de oito das doze grandes bacias hidrográficas do país residem no Cerrado, chamado de “Berço das Águas”. Esse bioma é crucial para o abastecimento de água de diversas regiões Brasileiras – do Norte ao Sudeste.

Apesar da grande importância biológica do Cerrado, diversos fatores aceleram a degradação do bioma. A baixa porcentagem de áreas com proteção integral e a pressão contínua para expansão agropecuária geram como consequência o aumento anual do desmatamento do Cerrado. Em 2025, o Cerrado foi o bioma mais desmatado do Brasil, pelo terceiro ano seguido (MAPBIOMAS, 2026). Contudo, os ecossistemas do Cerrado continuam fortemente ameaçados pela conversão da vegetação nativa, sendo a agropecuária o principal vetor de pressão. Para além da perda de funções ecossistêmicas, a degradação do Cerrado impacta profundamente os modos de vida de Povos e Comunidades Tradicionais, cujas identidades estão intrinsecamente ligadas aos territórios onde vivem. Os Povos e Comunidades Tradicionais são representados por 28 segmentos no Brasil reconhecidos pelo Estado Brasileiro por meio do Decreto 6.040/2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. São agricultores familiares, extrativistas, indígenas, quilombolas, geraizeiros, veredeiros, entre tantas outras identidades sociais e culturais.

Frente ao avanço das fronteiras agrícolas, as Organizações de redes de sementes no Cerrado têm se consolidado como um ato de resistência às ameaças que incidem sobre os territórios de Povos Indígenas, Quilombolas,

Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares (PIQPCTAF). Os PIQPCTAF historicamente guardam e trocam sementes, de espécies nativas e agronômicas, para fins de manejo e restauração de seus territórios. Já as redes de sementes nativas surgiram por meio de lançamento de editais vinculados ao Programa Nacional de Florestas (PNF) do Ministério do Meio Ambiente e Fundo Nacional do Meio Ambiente, com o objetivo de desenvolver tecnologias sociais voltadas para sementes nativas, promover capacitação e garantir a participação local. Os editais apoiaram na estruturação de oito redes de sementes no Brasil, que passaram a atuar oficialmente em 2001 (Ribeiro-Oliveira e Ranal, 2014).

Em 2007, tem início a chamada “segunda geração” de redes de sementes, com foco na estruturação de iniciativas de base comunitária voltadas ao atendimento da demanda regional por restauração ecológica (Urzedo et al., 2020). Desde então, diversos núcleos regionais se fortaleceram e, hoje, compõem um dos pilares das ações de restauração no Brasil. Para além das atividades de coleta e beneficiamento de sementes, coletoras e coletores compartilham seus saberes sobre o Cerrado e fomentam processos de inovação social.

A Década da Restauração de Ecossistemas, criada pela Organização das Nações Unidas em 2020, tem como meta catalisar iniciativas de restauração em escala global. Antes disso, em 2017, o Brasil já havia assumido o compromisso de restaurar ao menos 12 milhões de hectares de vegetação nativa, no âmbito do Acordo de Paris (BRASIL, 2017). Para isso, foi instituído o



Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa (PLANAVEG), cuja primeira edição (2018–2022) apresentou avanços limitados.

Diante da responsabilidade de cumprir suas metas de restauração, o governo brasileiro iniciou, em 2023, a revisão do PLANAVEG, concebendo sua segunda edição em 2025, com vigência prevista de 2025 a 2028.

Essa nova fase visa não apenas a recuperação ambiental, mas também o fortalecimento da inclusão produtiva, redução das desigualdades sociais e da insegurança alimentar entre os PIQPCTAF – reconhecidos como atores centrais da cadeia produtiva da restauração ecológica (PLANAVEG, 2025). Nesse novo contexto, nasceu o conceito da restauração inclusiva, que é a prática que visa a recuperação ecológica de ecossistemas degradados, ao mesmo tempo que incorpora a participação ativa de diversos grupos locais na tomada de decisão, especialmente mulheres, juventudes e PIQPCTAFs (Araticum, 2025).

A Araticum é uma rede que atua no Cerrado com o propósito de promover um bioma conservado, restaurado e com protagonismo das comunidades locais, valorizando a rica sociobiodiversidade distribuída no território. Assim, este trabalho tem por objetivo apresentar um panorama dos impactos sociais da coleta de sementes e da restauração ecológica em Organizações de base comunitária que integram a Araticum.

Como objetivos específicos, buscou-se:

I

Caracterizar contextos, motivações e desafios enfrentados pelas Organizações;

II

Identificar os pontos fortes, bem como os que demandam fortalecimento.

METODOLOGIA

A metodologia adotada baseou-se na observação participante e na facilitação de rodas de conversa, por meio da aplicação de entrevistas semi-estruturadas com escuta ativa.

O diagnóstico foi conduzido em parceria com sete organizações, também conhecidas como redes comunitárias, integrantes da Araticum, entre abril e julho de 2025. As redes distribuídas no bioma Cerrado que compõem este trabalho são: Associação Cerrado de Pé (ACP), Cooperativa dos Agricultores Familiares e Agroextrativistas do Vale do Peruaçu (COOPERUAÇU), Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu - Rede CORA (APROSPERA – Rede Cora), Rede de Coletores Geraizeiros - Cooperativa de agricultores, coletores e restauradores agroextrativistas do Alto Rio Pardo (COOCREARP), Rede de Sementes do Araguaia (RESSEMEAR), Rede de Sementes do Oeste da Bahia (ARSOBA) e Sementes do Paraíso. Foram realizadas visitas de campo a cada uma das redes participantes, sendo que, na Associação Cerrado de Pé, foram realizadas mais visitas de campo com o objetivo de ouvir os diferentes grupos sociais que compõem a organização (assentados, quilombolas Kalunga e coletores periurbanos).

Foram estruturados dois grupos focais:

A

**Coletores,
beneficiadores
de sementes e
restauradores**

B

**Mulheres
e jovens
coletores de
sementes**

Os diferentes grupos focais foram pensados a partir dos objetivos e estratégias do Plano Nacional de Recuperação de Vegetação Nativa. Para alcançar a meta de recuperar 12 milhões de hectares de vegetação nativa até 2030, é previsto que a participação de jovens e mulheres seja impulsionada em toda a cadeia produtiva da restauração. Essa participação se justifica pela necessidade de apoio à sucessão geracional, maior igualdade de gênero no campo, geração de renda e pertencimento da juventude aos seus territórios, colaborando para a manutenção de serviços ecossistêmicos e conservação do Cerrado.

As escutas foram sistematizadas por meio de registros em fichas de coleta de dados e anotações em computador, posteriormente organizados em planilhas para análise qualitativa e quantitativa. A abordagem adotada respeitou os princípios do diálogo horizontal, assim como a valorização do conhecimento local e protagonismo das comunidades.

Vale destacar que os resultados deste trabalho refletem as informações reportadas pelos membros das organizações. Para realização dos diálogos, buscamos as redes e suas diretorias que têm autonomia para falar pelo coletivo, na medida em que foram democraticamente eleitas.



© Luana Santa Brígida



RESULTADOS



3.1 Apresentação das organizações participantes

A Associação Cerrado de Pé (ACP), fundada em 2017, atua na Chapada dos Veadeiros (GO), reunindo agricultores familiares, assentados e quilombolas Kalunga, com foco na coleta, beneficiamento e restauração ecológica em larga escala, já tendo contribuído com 100 toneladas de sementes.



Figura 01. Associação Cerrado de Pé (ACP)

A Cooperativa do Vale do Peruaçu (COOPERUAÇU), criada em 2015 no norte de Minas Gerais, reúne agricultores familiares, extrativistas, quilombolas e indígenas, atuando na integração entre extrativismo, beneficiamento de produtos da sociobiodiversidade e coleta de sementes para restauração.



Figura 02. Cooperativa do Vale do Peruaçu (COOPERUAÇU)

A Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (APROSPERA), fundada em 2016 no Distrito Federal e entorno, é composta por agricultores familiares e assentados, desenvolvendo atividades em agroecologia, sistemas agroflorestais e coleta de sementes, com integração entre produção de alimentos e restauração do Cerrado. Dentro da APROSPERA, nasceu a Rede Cora, formada por agricultores familiares que são também coletores de sementes.



Figura 03. Associação dos Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (APROSPERA)

A Rede de Coletores Geraizeiros (COOCREARP), formada em 2017 e formalizada em 2021, atua no norte de Minas Gerais com comunidades geraizeiras, desenvolvendo coleta de sementes e ações de restauração vinculadas à conservação ambiental e à defesa do acesso à água.



Figura 04. Rede de Coletores Geraizeiros (COOCREARP)



Figura 05. Rede Sementes do Paraíso

A Rede Sementes do Paraíso, fundada em 2019 no município de São João do Paraíso em Minas Gerais, reúne agricultores familiares e atua na coleta de sementes e restauração de áreas de recarga hídrica através da semeadura direta, com foco na proteção de nascentes dos biomas Cerrado e Mata Atlântica. O grupo se caracteriza como um negócio socioambiental e, além da restauração ecológica, também realiza projetos de educação socioambiental voltados para o engajamento de jovens e mulheres, mobilização e permanência das comunidades no território.

A Rede de Sementes do Oeste da Bahia (ARSOBA), com origem em 2011 e formalização em 2021 no oeste da Bahia, reúne agricultores familiares — majoritariamente mulheres — atuando na coleta, beneficiamento e comercialização de sementes, além da produção de derivados do Cerrado.



Figura 06. Rede de Sementes do Oeste da Bahia (ARSOBA)

A Rede de Sementes do Araguaia (RESSEMEAR), criada em 2021 no Corredor do Araguaia (PA/TO), envolve agricultores familiares, assentados e ribeirinhos, atuando na coleta de sementes para restauração em áreas de transição entre Cerrado e Amazônia, com participação majoritária de mulheres.



Figura 07. Rede de Sementes do Araguaia (RESSEMEAR)

Em conjunto, as organizações analisadas apresentam diversidade de arranjos institucionais, bases sociais e níveis de consolidação, atuando em territórios estratégicos do Cerrado marcados por diferentes pressões socioambientais. Essa heterogeneidade influencia diretamente as capacidades organizativas, o acesso a políticas públicas e a inserção nas diferentes etapas da cadeia da restauração ecológica, aspectos analisados nas seções seguintes.

3.2 Caracterização das redes de sementes participantes

Todas as organizações representam um arcabouço significativo de experiências comunitárias voltadas à restauração ecológica que fortalecem a sociobiodiversidade. As redes atuam nos estados de Goiás (02), Distrito Federal (01), Minas Gerais (03), Bahia (01), Tocantins (01) e Pará (01) – estados que estão na abrangência do Cerrado e apresentam faixas de transição com outros biomas, como Caatinga, Mata Atlântica e Amazônia.

As organizações participantes possuem formas distintas de constituição jurídica, como associações, cooperativas, microempresas e coletivos que surgiram dentro de cooperativas pré-existentes. De modo geral, essas redes são recentes e refletem a pluralidade dos arranjos sociais presentes nos territórios. As mulheres são protagonistas nas redes de sementes e representam 66,7%, por outro lado, a juventude apresenta uma baixa representatividade – totalizando 17,9% de pessoas até 29 anos nas organizações participantes.

Ainda que cada rede possua especificidades próprias, todas compartilham um compromisso comum com a manutenção de seus modos de vida, a conservação do Cerrado e a valorização dos conhecimentos locais. Na tabela 01, é apresentado o resumo de informações das redes comunitárias e na figura 08 a distribuição geográfica de cada uma delas

ORGANIZAÇÃO	UF	MEMBROS	MULHERES		JOVENS		GRUPOS SOCIAIS
		QUANT.	QUANT.	%	QUANT.	%	
APROSPERA	MG	64	34	53,1%	7	10,9%	Agricultores familiares, extrativistas, indígenas, quilombolas e veredeiros.
ARSOBA	BA	81	58	71,6%	5	6,2%	Agricultores familiares e assentados da reforma agrária.
CERRADO DE PÉ	GO	200	140	70%	40	20%	Assentados da reforma agrária, agricultores familiares, coletores periurbanos e quilombolas.
COOCREARP	GO e DF	17	7	41,2%	14	82,4%	Agricultores familiares e assentados da reforma agrária.
COOPERUAÇU	MG	56	36	64,3%	5	8,9%	Assentados da reforma agrária, agricultores familiares, extrativistas, geraizeiros e quilombolas.
RESSEMEAR	TO e PA	70	51	72,9%	14	20%	Agricultores familiares, assentados da reforma agrária, acampados, extrativistas, ribeirinhos e torrozeiros.
SEMENTES DO PARAÍSO	MG	16	10	62,5%	5	31,25%	Agricultores familiares e geraizeiros
Total		6	504	336	66,7%	90	17,9%

Tabela 01. Caracterização das redes de sementes participantes. Fonte: Rede de Sementes do Cerrado, 2025.





Figura 08. Localização das organizações coletoras de sementes participantes. Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE (2019) e dados das redes participantes, 2025.

Impulsionada pelas metas assumidas internacionalmente e pelo aumento do financiamento à restauração, a demanda por sementes nativas aumentou significativamente (Schmidt et al., 2018). Nessa perspectiva, o Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa (2025-2028) estima que esses esforços culminam na criação de mais de 250 mil empregos rurais diretos, contribuindo para a diminuição da desigualdade social. Para reverter o quadro de degradação ambiental e cumprir os compromissos assumidos, a promoção de subsídios e o acesso a políticas públicas de incentivo são fundamentais para alavancar a agenda de restauração no país. Ainda que não tratem sobre restauração, o acesso a políticas como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF) é importante para promover a permanência das pessoas no campo e podem fortalecer indiretamente as iniciativas de restauração.

Abaixo, a figura 09 apresenta um resumo de acesso a políticas sociais que promovem a segurança alimentar, valorização da produção local e redução de desigualdades sociais pelas redes participantes.

ORGANIZAÇÕES	PROGRAMAS SOCIAIS				
	BOLSA FAMÍLIA	PAA	PNAE	PRONAF	FUNDO SAFRA
APROSPERA	✓	✓	✓	✓	
ARSOBA	✓				
CERRADO DE PÉ	✓	✓	✓		
COOCREARP	✓	✓	✓	✓	
COOPERUAÇU	✓			✓	
RESSEMEAR	✓				
SEMENTES DO PARAÍSO	✓				✓

✓ ACESSO POR PESSOA FÍSICA

✓ ACESSO POR PESSOA JURÍDICA (ORGANIZAÇÃO)

Figura 09. Programas sociais acessados pelas redes de sementes de base comunitária no Cerrado. Fonte: Elaboração própria, 2025.

Ainda que pessoas de todas as organizações tenham reportado acesso às políticas públicas mencionadas, esse acesso por vezes não se dá por meio da organização. Como é o exemplo da Associação Cerrado de Pé (ACP), em que os membros acessam o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), mas não por meio da ACP e sim individualmente. Isso se diferencia de outras redes, que podem acessar essas políticas pelo CNPJ, como é o caso da COOPERUAÇU.

Nota-se que membros de todas as sete redes reportaram acessar o Bolsa Família, programa do Governo Federal que consiste na transferência direta de renda mensal voltado a famílias em situação de vulnerabilidade social e integra ações de assistência social, saúde, educação e emprego.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) foi criado em 2003 e tem a finalidade

de promover o acesso à alimentação, especialmente de pessoas mais vulneráveis, e incentivar a agricultura familiar (BRASIL, 2003; BRASIL, 2023). O PAA consiste em uma modalidade de compra institucional do Governo Federal de alimentos da agricultura familiar, com destinação desses alimentos a organizações e públicos em situação de insegurança alimentar e nutricional. Também voltada para a garantia do direito humano à alimentação e nutrição adequadas, membros de três das sete redes consultadas (42,9%) acessam o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para fornecimento de alimentos.

O PNAE foi estruturado na década de 1950 e oferece alimentação escolar aos estudantes da rede pública, por meio de repasses financeiros federais. A partir de 2009, com a Lei nº 11.947/2009, passou-se a exigir que, no mínimo, 30% dos recursos repassados

pelo FNDE para a alimentação escolar sejam utilizados na compra de alimentos da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural, incluindo povos e comunidades tradicionais. Essa porcentagem foi reajustada em 2025, por meio de uma nova legislação que estabelece que 45% dos recursos do programa sejam destinados à compra de alimentos da agricultura familiar (BRASIL, 2009; BRASIL, 2025). Essa oportunidade proporcionou o fortalecimento da integração entre as agendas da restauração e outras agendas, como sociobiodiversidade, segurança alimentar e nutricional e agroecologia.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado em 1996, visa promover o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar, por meio do aumento da capacidade produtiva, da geração de empregos e da melhoria da renda no meio rural (BRASIL, 1996). O PRONAF apresenta linhas de crédito que apoiam atividades agrícolas e não-agrícolas realizadas por agricultores familiares, que devem apresentar o Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF) para concessão de crédito. O Fundo Garantia-Safra, instituído em 2002 e vinculado ao PRONAF é acessado por somente uma organização, Sementes do Paraíso, a única caracterizada como microempresa dentre as sete organizações (14,3%). O Fundo tem a finalidade de garantir as condições mínimas de segurança econômica para agricultores familiares em caso de perdas por estiagem ou enchentes.

Dentre as etapas da restauração, a coleta e beneficiamento de sementes nativas é a que recebe maior participação das organizações de base comunitária, tendo em vista que todas as redes participantes deste trabalho atuam nessa etapa, conforme apresentado na figura 10.



Figura 10. Atuação das organizações nas diferentes etapas da restauração.
Fonte: Elaboração própria, 2025.

As pessoas participantes relatam que se sentem motivadas pela geração de renda que a semente traz, mas também reportam que sentem satisfação em obter renda por meio de um trabalho satisfatório, que possibilita a conciliação com os outros afazeres do cotidiano. Um estudo recente que explorou a estruturação de redes coletoras de sementes no Brasil demonstra que, entre 2018 e 2021, nove redes coletoras contribuíram para a produção de 180 toneladas de sementes nativas, o que gerou um total de US\$ 1,01 milhão para 997 coletores (Padovezi et al., 2024).

Além da coleta e do beneficiamento das sementes, 71% das redes comunitárias participantes reportaram trabalhar com a comercialização. Dentre as cinco redes que já atuam na comercialização das sementes coletadas, duas estão nos passos iniciais de estruturação das vendas, o que representa um significativo avanço no processo de autonomia construído com o apoio de instituições parceiras.

Neste trabalho foi possível verificar a atuação das redes comunitárias em todas as etapas da restauração, reforçando o papel fundamental que os PIQPCTAF possuem na conservação e restauração do Cerrado. Em relação às etapas de “execução” e “gestão”, estimulados pelo formulário, para projetos de restauração, 57% das redes relataram atuação nestas temáticas – quatro das sete redes participantes.

Por que coletar sementes nativas?

Os relatos das coletoras e coletores participantes do diagnóstico revelam que a geração de renda constitui uma motivação central para o envolvimento com a coleta de sementes, proporcionando melhorias significativas nas condições de vida das famílias. No entanto, os impactos positivos da atividade vão além da dimensão econômica: a coleta de sementes atua como um catalisador de transformações afetivas, ecológicas, sociais e culturais.

Em todas as sete redes comunitárias participantes, durante as conversas, foi relatado que a coleta de sementes atua positivamente na saúde mental dessas pessoas. Entre depoimentos relacionados à saúde mental, foi dito que as atividades de caminhadas em grupo para coleta de sementes e as conversas entre coletoras e coletores são benéficas para a saúde integral dessas pessoas.

Uma percepção comum entre as organizações participantes é a de que a degradação ambiental nos arredores dos territórios ameaça diretamente a vida comunitária. Nesse cenário, a coleta de sementes é percebida como uma forma de resistência ao avanço do agronegócio — uma prática que promove esperança, fortalece vínculos familiares e comunitários e amplia a capacidade de auto-organização das comunidades. Ainda, a coleta de sementes garante condições ambientais que permitem a reprodução dos modos de vida tradicionais em consonância com a biodiversidade do Cerrado.



A preocupação com a conservação do Cerrado e com a disponibilidade de água foi evidenciada por todas as redes escutadas. Um estudo da Ambiental Media, baseado em dados da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico, identificou redução de aproximadamente 27% na vazão dos rios de seis grandes bacias do Cerrado, ao comparar os períodos de 1970–1979 e 2012–2021 (AMBIENTAL MEDIA, 2025). Essa perda está diretamente relacionada à redução de vegetação nativa (22%) em seis das principais bacias hidrográficas do bioma, nas quais a área destinada à soja se expandiu aproximadamente 20 vezes no mesmo período. Esses impactos são vivenciados cotidianamente pelas comunidades locais, por meio da escassez de água, contaminação por agrotóxicos e insegurança alimentar.

Além do caráter ambiental e político, a

coleta de sementes é vivenciada como uma ação coletiva que promove bem-estar, pertencimento e troca de saberes. O envolvimento dos jovens com a restauração é simultaneamente uma preocupação e uma motivação para os mais velhos, que expressam o desejo de ver a juventude permanecer nos territórios e conservar os conhecimentos tradicionais transmitidos ao longo das gerações. No arranjo de restauração em áreas rurais de baixa produtividade, o Plano Nacional de Recuperação de Vegetação Nativa (2025-2028) prevê a implantação de recuperação produtiva de vegetação nativa em 1 milhão de hectares, visando geração de trabalho, emprego e renda especialmente às mulheres e jovens rurais.

Na figura 11, são apresentadas as motivações mais recorrentes mencionadas por coletoras e coletores de sementes.



Figura 11. Principais motivações mencionadas pelas coletoras e coletores de sementes.
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Quando questionado sobre os principais benefícios que desejam receber em decorrência da coleta de sementes e restauração (figura 12), a geração de renda foi a resposta mais mencionada (29%). Também foram trazidos os temas de recuperação e conservação ambiental (24%), saúde e bem-estar (16%), conservação dos recursos hídricos (13%), geração de conhecimento (6%), fortalecimento comunitário (6%) e valorização cultural (6%). A distribuição das categorias mencionadas pode ser visualizada na figura 12.

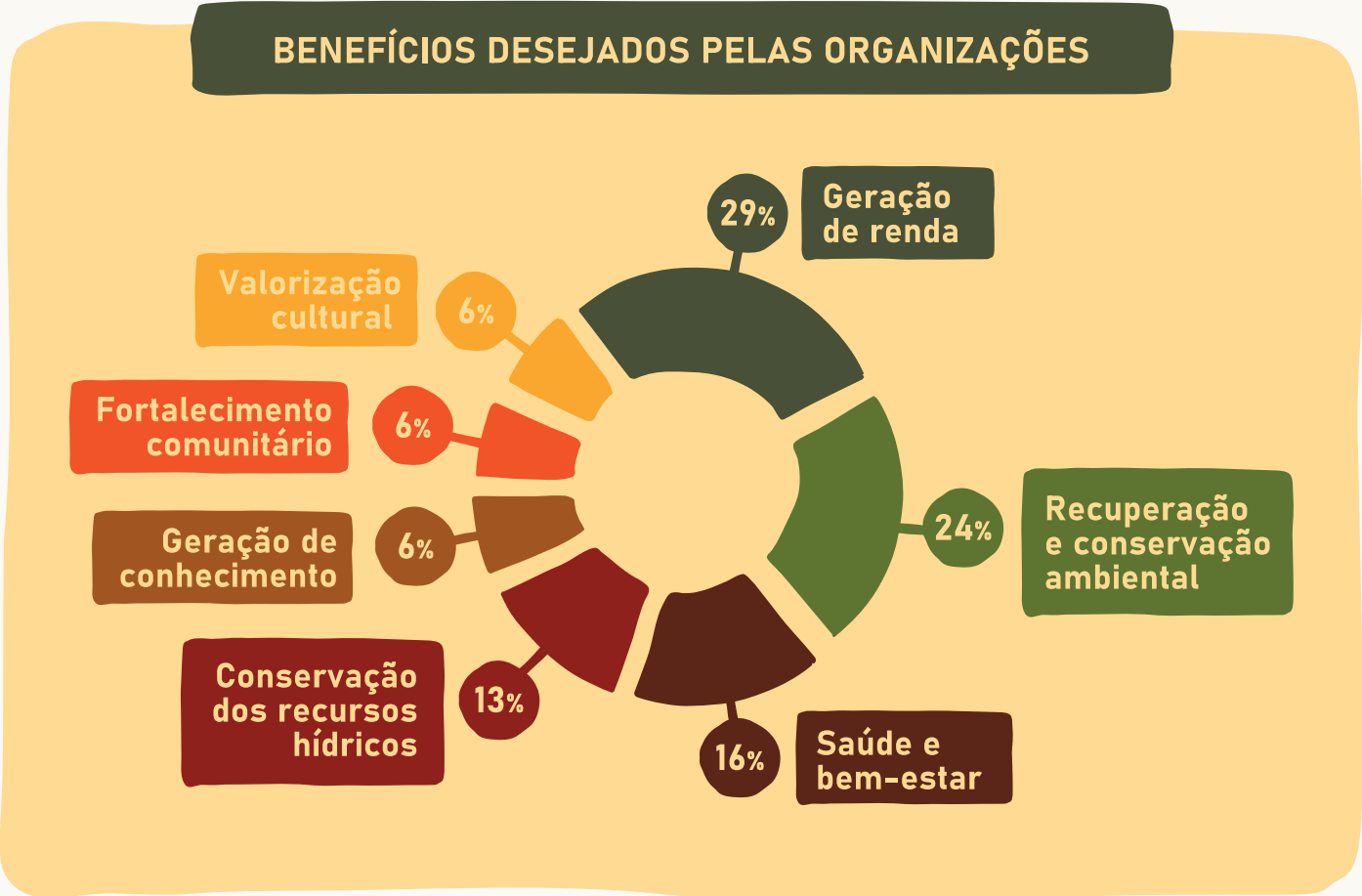


Figura 12. Benefícios desejados pelas organizações coletoras de sementes.
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Em relação ao cenário de degradação nos territórios e áreas do entorno (figura 13), as redes trouxeram desafios similares quanto à disponibilidade de áreas degradadas a serem restauradas. As irregularidades fundiárias, predominância da soja e falta de interesse de proprietários rurais em restaurar são desafios comuns nos territórios.

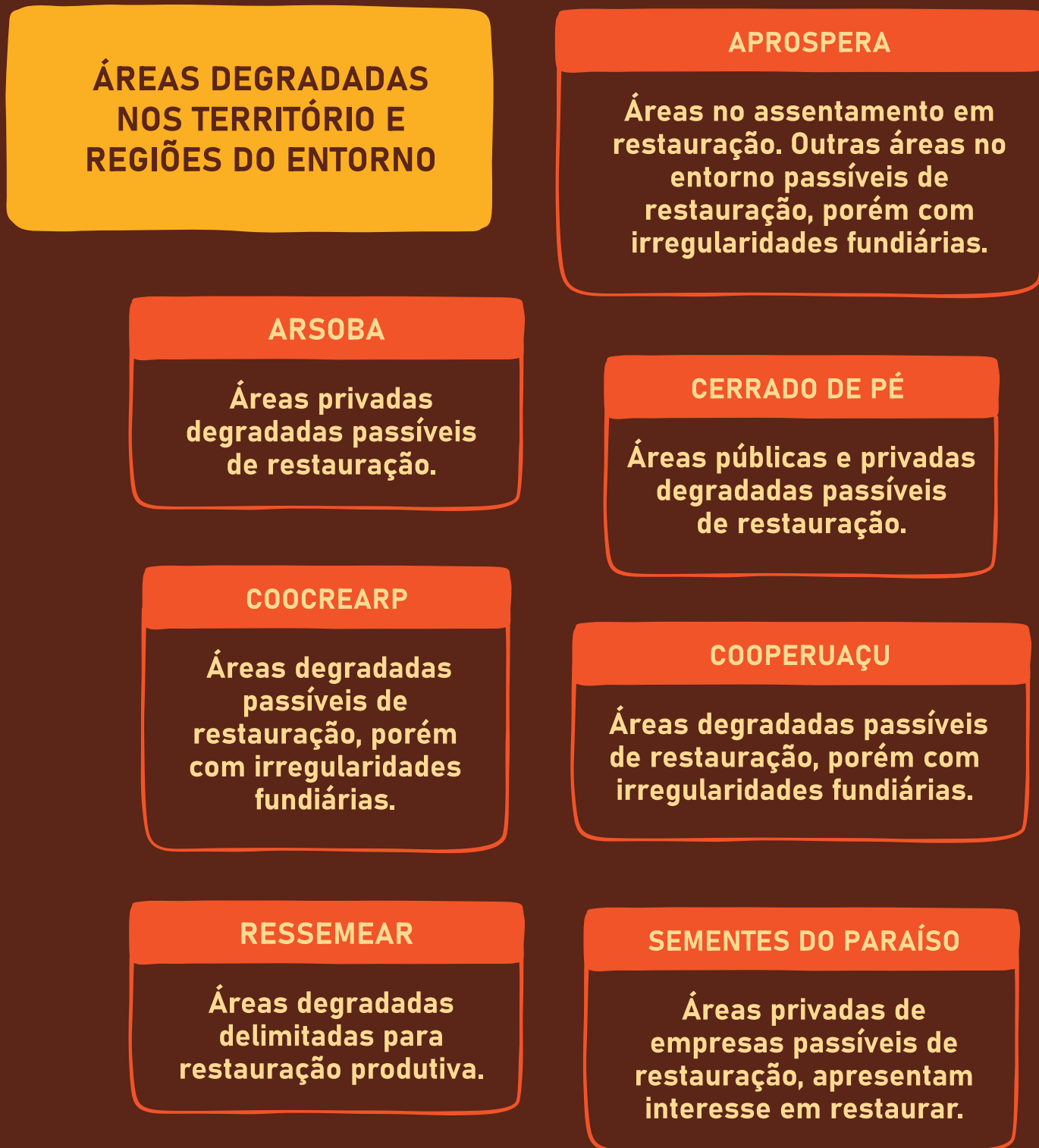


Figura 13. Cenário de degradação nos territórios e regiões do entorno.
Fonte: Elaboração própria, 2025.

Os dados do Relatório Anual de Desmatamento de 2025 do MapBiomias apontam que nos últimos sete anos (2019-2025) mais da metade (54%) de todo o desmatamento no país ocorreu em áreas privadas. Esses dados reforçam a necessidade de ampliação de diálogo com proprietários rurais para prevenção de novos desmatamentos e restauração de áreas degradadas. Um estudo recente realizado pelo WWF-Brasil (Coelho & Maioli, 2025), que aborda o valor da restauração nas Cabeceiras do Pantanal, demonstra que a redução de erosão e aumento da disponibilidade de água do solo possibilitam o aumento de renda para o proprietário rural, tendo em vista que esses serviços ecossistêmicos possibilitam o aumento da produtividade de lavouras e pastagens.

Quando abordado sobre outras atividades econômicas viabilizadas pela natureza, os membros de seis das sete organizações

(85%) reportaram que a coleta de sementes possibilita a realização de outras atividades que geram renda (figura 14). Essa diversificação de mercados muitas vezes não ocorre por meio das redes, tendo em vista que algumas delas estão voltadas institucionalmente para o mercado da semente. Ainda assim, todas elas são compostas por pessoas que são Povos Indígenas, Quilombolas, Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares e que trabalham com o Cerrado de diferentes formas. A maior parte das organizações (86%) trabalha com extrativismo e produção de alimentos provenientes da sociobiodiversidade, como geleias e polpas de frutos do Cerrado - cajuzinho, coquinho azedo, castanha de baru e farinha de jatobá. Além disso, as pessoas que fazem parte das redes também relatam trabalhar com fitoterápicos – por exemplo: garrafadas artesanais (71%) e produção de artesanato com insumos do Cerrado - ex.: biojoias, travesseiros – (57%).



Figura 14. Principais atividades baseadas na natureza realizadas pelas organizações coletoras de sementes.
Fonte: Elaboração própria, 2025.



3.2. Condições sociais

Participação nos processos de tomada de decisão

A participação efetiva nos processos de tomada de decisão em relações de parceria ainda é limitada para as redes entrevistadas. Dentre as sete redes de sementes escutadas, 28% relataram não participar das decisões relacionadas à coleta de sementes, enquanto 43% apontaram uma participação mínima e 29% declararam participar de forma satisfatória desses processos (figura 15).

Essa informação endossa o conhecimento de que, embora o modelo de organização em rede proponha a valorização da atuação comunitária, ainda podem existir desafios estruturais na participação na tomada de decisão, especialmente em atividades que envolvem planejamento, definição de metas e prioridades relacionadas à coleta. A participação parcial pode ser um reflexo de barreiras de comunicação interna ou projetos que são participativos somente em algumas etapas.

A limitação de participação nos processos também é expressiva quanto à decisão sobre remuneração e condições de trabalho (figura 15). Algumas organizações (28%) relataram não participar desses processos, outras (29%) indicaram participação satisfatória, enquanto a maior parte reportou participação mínima (43%).

É possível reconhecer os avanços em algumas redes no que diz respeito à transparência e à construção coletiva das decisões. Contudo, ainda é necessário reunir esforços para fortalecer mecanismos participativos, especialmente no que se refere à valorização do trabalho desempenhado pelas coletoras e coletores. A inclusão efetiva nos processos decisórios contribui para maior justiça nas relações de trabalho, fortalecimento do associativismo e do cooperativismo, fortalecimento da autoestima de coletoras e coletores, reconhecimento social, autonomia das comunidades envolvidas e, conseqüentemente, para a conservação do Cerrado.

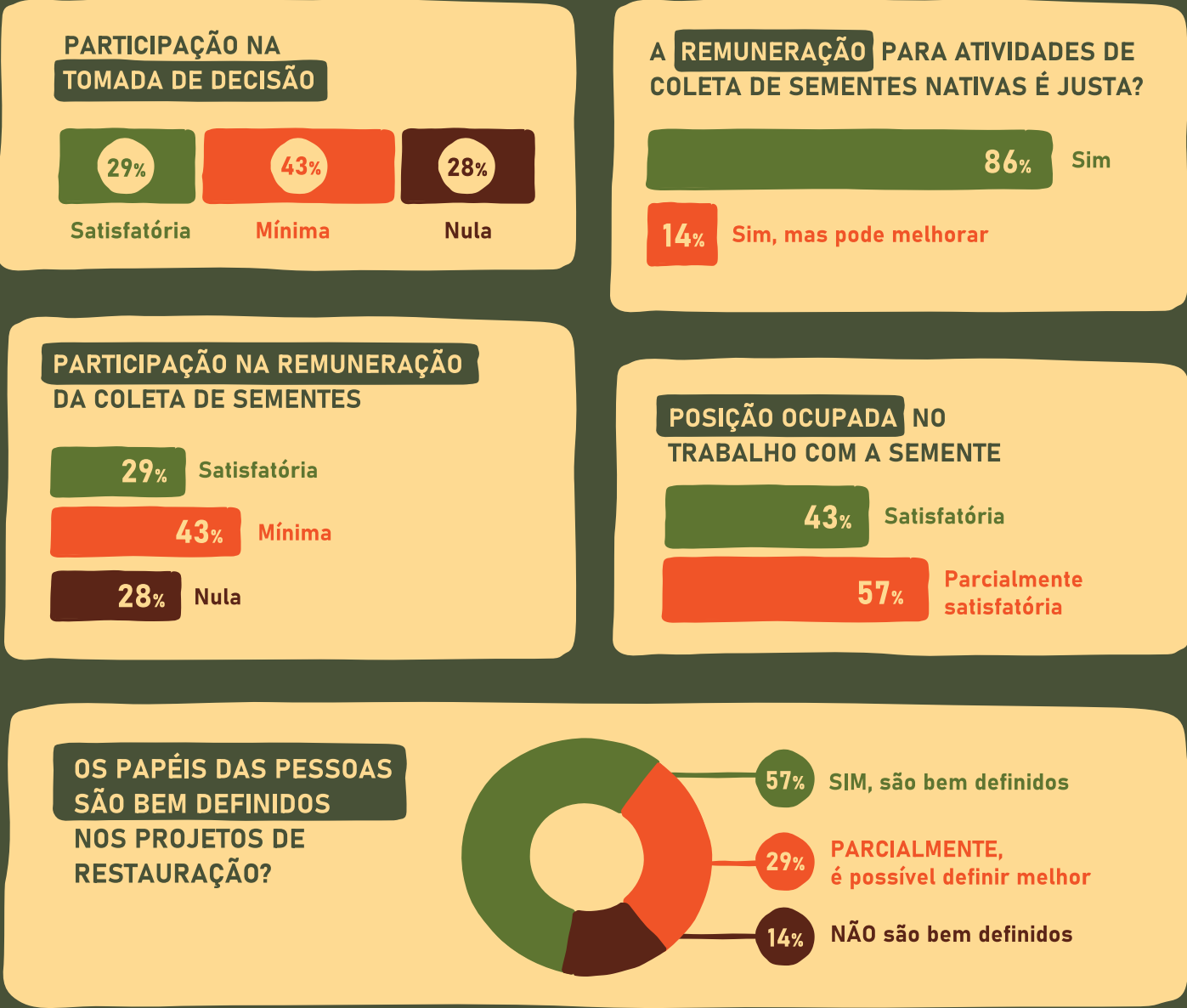


Figura 15. Participação social de coletoras e coletores de sementes nos processos de tomada de decisão nos projetos relacionados à semente. Fonte: Elaboração própria, 2025.

Desafios vivenciados

A análise das respostas das pessoas participantes evidenciou uma série de desafios que as redes vivenciam na atividade de coleta de sementes nativas. Na sistematização dos dados, algumas dificuldades se destacaram pela recorrência e são apresentadas na nuvem de palavras (figura 16).

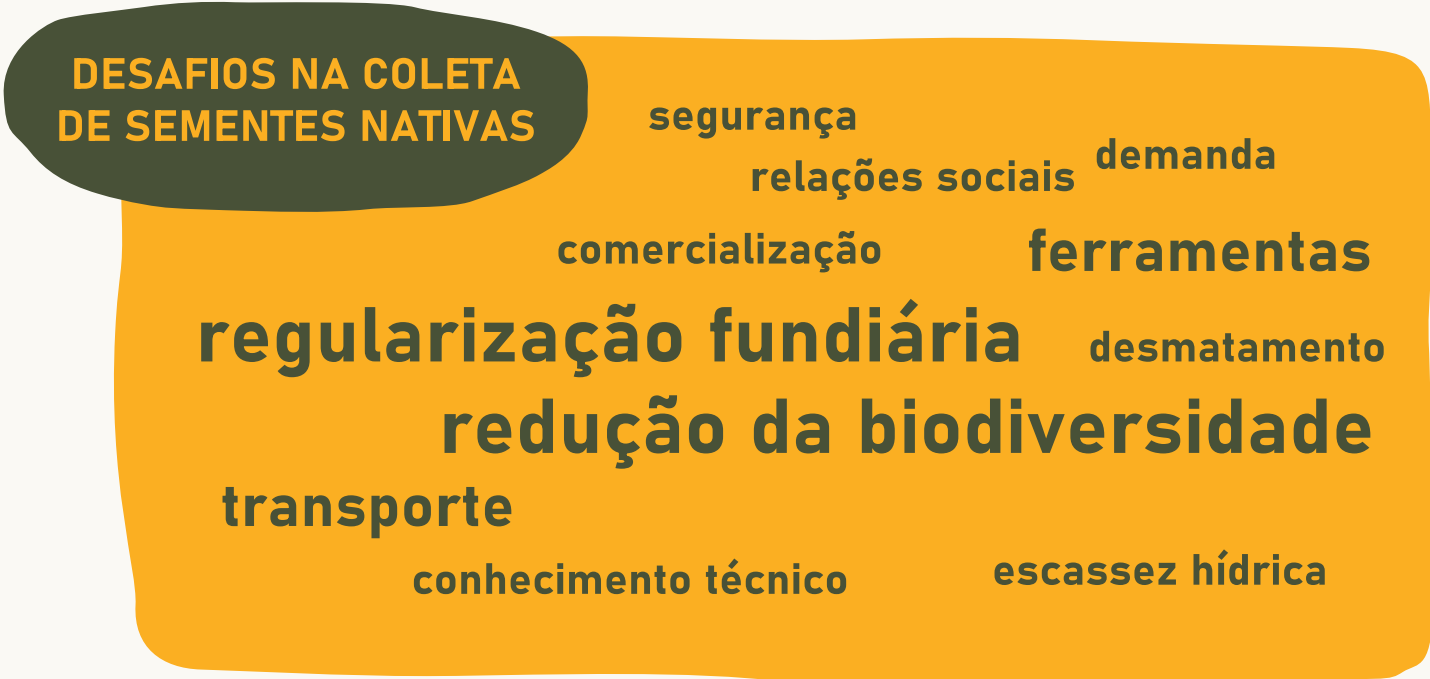


Figura 16. Desafios relacionados à semente vivenciados por coletoras e coletores. Fonte: Elaboração própria, 2025.

Redução da biodiversidade

O desmatamento reduz o número de espécies e compromete a disponibilidade de coleta de sementes, geração de renda e ações para restauração ecológica. Além disso, os aspectos logísticos se tornam mais complexos a partir da perda de cobertura vegetal, tornando mais onerosa a atividade para coletoras e coletores. Para além da redução da diversidade genética, o desmatamento reduz a disponibilidade hídrica nos territórios, o que também foi mencionado como uma dificuldade atual.



Regularização fundiária

A insegurança quanto ao título de terras se desdobra em outras dificuldades que afetam a coleta de sementes. A falta de posse da terra dificulta o acesso a áreas de coleta, o que limita o acesso a políticas públicas destinadas à agricultura familiar e ameaça a permanência dessas comunidades em seus territórios.

Infraestrutura e logística

Foram mencionadas dificuldades relacionadas ao acesso a ferramentas de coleta e beneficiamento de sementes, além dos desafios de transporte e armazenamento adequados das sementes. Esses entraves podem gerar riscos à saúde das coletoras e coletores e aumento de custos operacionais relacionados à cadeia da restauração, bem como comprometer a qualidade da semente e a efetividade dos plantios de restauração.

Transformações provenientes da semente

Dentre as mudanças percebidas (figura 17), o reconhecimento social foi o menos mencionado (33%). Apesar de menos frequente, trata-se de um aspecto simbólico relevante. Ele ocorre quando a comunidade ou atores externos passam a valorizar não apenas o produto – a semente –, mas também as pessoas envolvidas na atividade. Esse reconhecimento se expressa em relatos sobre maior autoestima, convites para participação em eventos, intercâmbios entre redes de sementes e superação de preconceitos antes associados à coleta.



O QUE MUDOU NA CULTURA LOCAL COM A COLETA DE SEMENTES NATIVAS

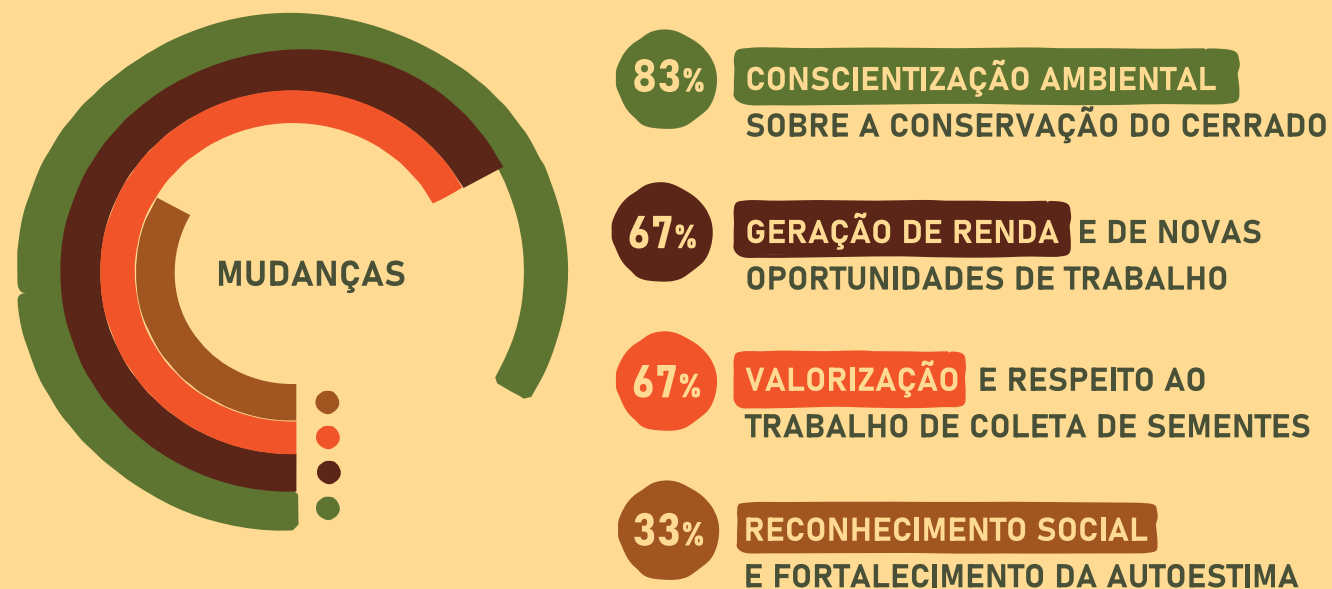


Figura 17. Mudanças percebidas na cultura local vinculadas à coleta de sementes.

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Essa valorização traz impactos positivos, pois amplia a legitimidade da atividade, reforça o sentimento de pertencimento de coletoras e coletores e fortalece o vínculo com o território. Ainda, cria oportunidades para novas articulações com atores externos. No entanto, seu alcance depende de fatores externos, nem sempre presentes em todos os territórios, o que evidencia a importância do apoio institucional para gerar efeitos duradouros e estimular a mobilização comunitária.

A valorização da coleta de sementes (67%) e a geração de renda (67%) foram igualmente mencionadas. A quebra de preconceitos em relação à atividade profissional de coleta de sementes dentro e fora das comunidades está frequentemente associada à geração de renda, que aumenta o poder de compra das famílias e fortalece a economia local. Além disso, a coleta se apresenta como alternativa a trabalhos rurais mais pesados e menos rentáveis, agregando valor tanto econômico quanto social, o que favorece o pertencimento ao território.

A categoria mais recorrente foi a conscientização ambiental (83%), confirmando o papel educativo da coleta. As organizações destacam que a prática estimula um novo olhar sobre a natureza e o Cerrado, ampliando o conhecimento sobre espécies nativas. Essa conscientização também nasce da experiência prática, especialmente em territórios que vivenciaram de forma direta os impactos da degradação ambiental, como crises hídricas e a perda da vegetação nativa que diminui a biodiversidade.

Maturidade organizacional

Visando identificar os pontos que necessitam de fortalecimento, este item analisa a maturidade organizacional das redes participantes (figura 18). A coleta de sementes nativas se destaca como a principal fonte de receita em 86% das organizações (seis) – apenas uma das sete redes obteve mais receita de outra fonte. De forma geral, a agricultura familiar e a comercialização de outros produtos da sociobiodiversidade aparecem como atividades econômicas secundárias (14% cada). Embora a coleta seja central, as organizações demonstram potencial para ampliar sua atuação em outros segmentos ligados à conservação ambiental, diversificando as fontes de renda e reduzindo a vulnerabilidade social.

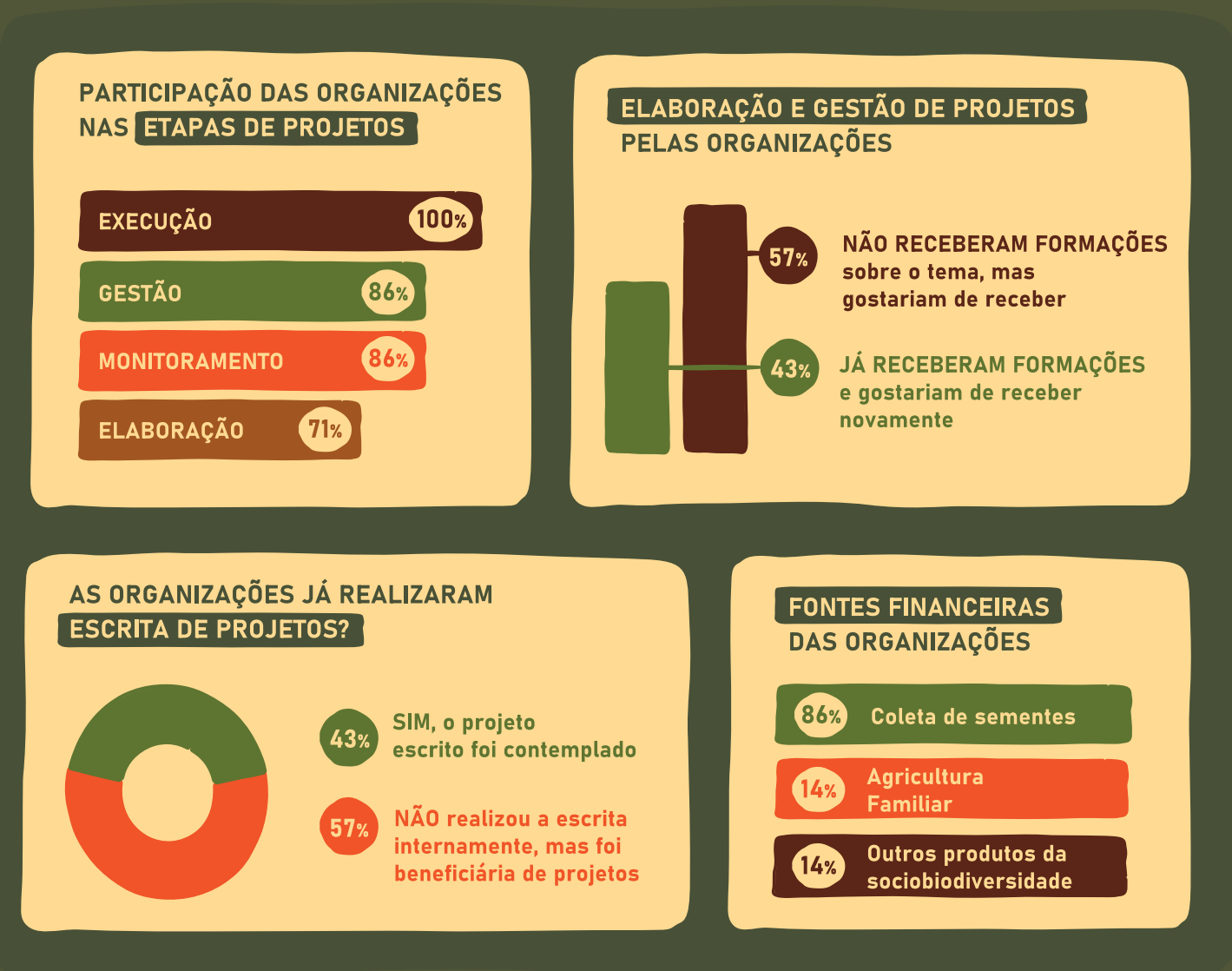


Figura 18. Participação das Organizações na elaboração e gestão de projetos. Fonte: Elaboração própria, 2025.

Para ampliar a autonomia das organizações, um passo estratégico é garantir que elas possam definir o escopo dos projetos elaborados em benefício das comunidades. Atualmente, a maioria (57%) depende de parceiros externos para acessar recursos via projetos, embora uma parcela expressiva (43%) tenha reportado a escrita de propostas que foram posteriormente aprovadas. O fortalecimento das capacidades por meio de cursos e oficinas se apresenta como um caminho relevante: 57% nunca receberam formação sobre elaboração e gestão de projetos, e 43% já participaram, mas desejam aprimorar seus conhecimentos. O aumento da autonomia pode ampliar a participação das redes em diferentes etapas dos projetos de restauração, superando o cenário atual, em que a execução de projetos de restauração concentra 100% da atuação – coleta, beneficiamento e plantio de sementes. Ainda assim, todas as organizações já participam de mais de uma fase, com destaque para gestão (86%), monitoramento (86%) e elaboração de projetos (71%).

Com o intuito de fortalecer a autonomia das redes, foi questionado sobre quais cursos gostariam de acessar de parceiros externos. Dentre as sete organizações, 86% responderam desejar cursos de restauração, gestão financeira, captação de recursos e inclusão digital. Além desses, 71% responderam que gostariam de receber formação em associativismo e 57% sugeriram outros (como sistemas agrocerratenses, precificação, beneficiamento de sementes, animais peçonhentos, segurança no trabalho).

Os resultados indicam que, embora as redes possuam experiência prática consolidada na

execução de atividades, ainda existem lacunas significativas quanto à autonomia na captação de recursos e no gerenciamento integral de projetos. Investir em formações contínuas, promover intercâmbios de experiências e facilitar o acesso à assessoria técnica especializada, são princípios da restauração inclusiva que podem ampliar a capacidade institucional dessas redes. Além disso, fomentar a diversificação das fontes de renda, ampliando a atuação para outros produtos e serviços relacionados à sociobiodiversidade.

3.3. Protagonismo de jovens e mulheres

É possível observar que as oportunidades percebidas por jovens e mulheres dialogam com as motivações e benefícios esperados pelas organizações, abrangendo dimensões econômicas, sociais, culturais e ambientais (figura 19). Entre elas, a geração de renda foi o aspecto mais recorrente (85,7%), evidenciando que a coleta de sementes e a restauração são fontes relevantes de sustento e contribuem para a autonomia financeira.

O acesso ao conhecimento e a interação social também foram destacados, com 57,1% de menções, o que demonstra que esses grupos sociais valorizam as oportunidades de aprendizado, formação e troca de saberes entre as redes de sementes. A possibilidade de conhecer lugares novos e vivenciar experiências diversas surge como um estímulo importante para o engajamento, especialmente entre jovens.

A promoção do bem-estar (42,9%) foi associada a melhorias na autoestima, no sentimento de pertencimento e na motivação para participar de ações coletivas. Algumas mulheres destacaram

que a coleta é como uma “**terapia da cabeça aos pés**”, experiência que se intensifica quando realizada em grupo, fortalecendo vínculos e apoio mútuo. A ampliação da autonomia feminina (28,6%) reflete o reconhecimento do papel das mulheres na restauração e conservação, áreas em que historicamente enfrentaram e enfrentam desigualdades no acesso a oportunidades de trabalho, sobretudo no meio rural. Muitas relataram que, por meio da coleta, puderam investir em seus sonhos e na própria saúde, ainda que as necessidades do lar continuem como prioridade. O fortalecimento cultural (28,6%) e o respeito pela natureza (28,6%) indicam que, para jovens e mulheres, a atividade também viabiliza a manutenção de tradições e relações de cuidado com os territórios. Nas conversas, foi dito que com a coleta houve uma ampliação da conscientização ambiental, ao ponto de “o coração doer quando corta um pau que dá semente”.

Por fim, a saúde (14,3%) foi citada como benefício tanto físico quanto emocional, associada ao prazer de estar na natureza e à sensação de que “o tempo passa voando” durante a coleta.

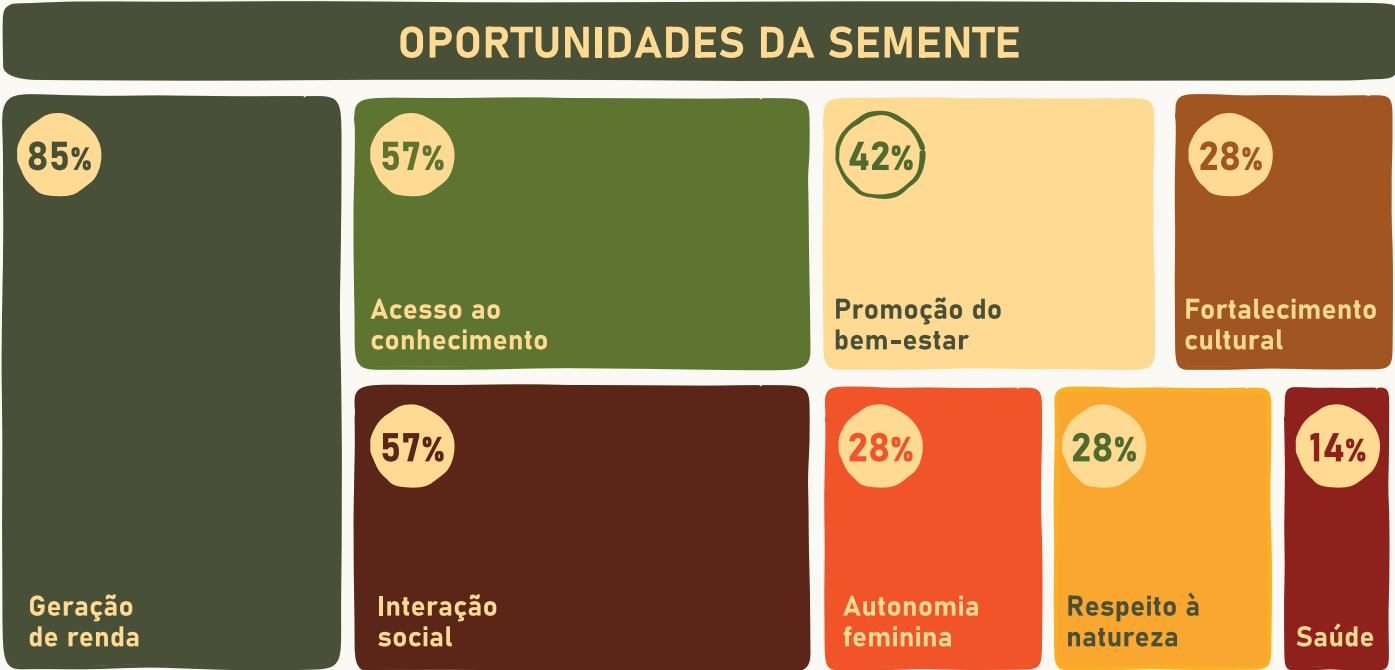


Figura 19. Oportunidades provenientes da coleta de sementes apontadas por coletoras e coletores de sementes. Fonte: Elaboração própria, 2025.

COM ELAS: A FORÇA DA RESTAURAÇÃO QUE SEMEIA O BEM VIVER

“

Falar de semente, pra mim, é falar de vida... é plantar oxigênio, é garantir o ar que a gente respira e a vida das gerações que ainda vão chegar.”

Roseli Vieira de Menezes Brito
COOPERUAÇU

“

A maior alegria é ver cada plantinha crescendo... ver a vida voltando onde antes era só degradação.”

Maria do Rosário da Silva
RESSEMEAR

“

Trabalhar com semente não muda só a renda... muda a vida da gente por dentro. A gente vê na prática como isso melhora a autoestima, como faz bem pra cabeça e pro coração.”

Fabricia Santarem Costa
COOCREARP

“

A gente sabe que o nosso trabalho é importante, mas quando para pra refletir, a gente entende o tamanho do que faz. É como se a gente estivesse escrevendo a nossa própria história, restaurando a natureza e a nós mesmos.”

Claudiane Ferreira Sousa
ARSOBA

“

O conhecimento das sementes do Cerrado é a prova de que a verdadeira força não está em crescer rápido, mas em criar raízes profundas o suficiente para suportar os desafios.”

Jane Kelly Carmina dos Santos
ACP

“

Pensar na vida sem a natureza é pensar na morte. Cerrado, berço da água, fonte de vida!”

Madalena Izabel Sousa Ferreira
SEMENTES DO PARAÍSO



“

Minha depressão foi basicamente curada dentro do Cerrado. Eu aprendi a sentar, respirar e entender que eu podia vencer — e foi através da coleta que eu encontrei esse bem-estar pra minha vida. Eu sentava no campo, fechava os olhos e ouvia o vento, os pássaros... e ali eu comecei a sentir uma paz muito grande. Foi ali que eu comecei a me curar.”

Emellyn Ribeiro de Souza
APROSPERA – REDE CORA

Paralelamente às oportunidades apontadas, também emergem os desafios específicos vivenciados por jovens e mulheres no trabalho com sementes. A insegurança para coletar sozinhas foi o aspecto mais recorrente entre as mulheres, presente em 85,7% das respostas, associada ao deslocamento em áreas isoladas. Outros obstáculos dizem respeito à falta de equipamentos para trabalhos mais pesados (42,9%), o que limita a autonomia das mulheres e aumenta a dependência de terceiros. Também foi mencionada a dificuldade de conciliar a coleta com responsabilidades familiares e maternidade (14,3%), evidenciando a sobreposição de papéis desempenhados pelas mulheres nas comunidades. Também foram citadas, de forma pontual, a falta de veículos para deslocamento às áreas de coleta (14,3%) e a percepção positiva sobre o cuidado interno com as mulheres (14,3%) — este último não configurando um desafio, mas um aspecto favorável destacado por uma organização participante e que carece de um olhar mais estratégico e amplo nos territórios.

Apesar das dificuldades, é possível perceber que a coleta de sementes gerou diversos impactos positivos na vida desses grupos sociais, especialmente das mulheres, que representam 66,7% das organizações. Por outro lado, a participação de jovens nas redes é mais baixa — 17,9% de representatividade - o que gera uma preocupação das lideranças das organizações. Para que a restauração ecológica inclusiva seja justa na prática, é preciso desenvolver estratégias que ampliem o potencial desses grupos, com condições adequadas de segurança, educação e apoio logístico.



CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Os resultados deste trabalho evidenciam os benefícios sociais da semente nos territórios, que caminham lado a lado com os benefícios econômicos e ambientais. Além disso, as atividades de restauração ecológica de base comunitária contribuem para avanços concretos da Agenda 2030 da ONU.

Os resultados demonstram que as iniciativas fortalecem a igualdade de gênero (ODS 5) ao ampliar a participação feminina na coleta, gestão e tomada de decisão; incentivam o trabalho decente e o crescimento econômico (ODS 8) por meio da geração de renda, trabalho agradável e construção de uma remuneração justa; e colaboram com a vida terrestre (ODS 15) ao promover a conservação da biodiversidade e a recuperação de áreas degradadas no Cerrado. O aumento significativo de renda de coletoras e coletores de sementes também representa um passo em direção ao ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável). Além disso, o fortalecimento das potencialidades técnicas das redes está

alinhado ao ODS 4 (educação de qualidade), enquanto as ações de restauração contribuem para a ação contra a mudança global do clima (ODS 13), ao favorecer o sequestro de carbono e a resiliência dos ecossistemas.

Os resultados apresentados mostram que as redes apresentam um grau significativo de participação comunitária e estruturação interna, mas ainda enfrentam desafios quanto à autogestão, segurança financeira, infraestrutura adequada e acesso ao mercado. A forte presença feminina, representando mais da metade dos membros, é um indicador positivo para o avanço da igualdade de gênero (ODS 5), mas requer ações específicas para assegurar o bem-estar das mulheres e protagonismo na tomada de decisão. A baixa participação juvenil nas atividades explicita que devem haver ações direcionadas à capacitação profissional com formações de longo prazo, que possibilitam novas oportunidades.



© Luana Santa Brígida

Diante disso, é possível visualizar caminhos que fortaleçam as capacidades das organizações comunitárias. Como recomendações, destacam-se:

- Fortalecer a infraestrutura e logística das redes de sementes, garantindo condições adequadas para o trabalho e segurança dos coletores;
- Promover a capacitação técnica e de gestão voltados especialmente para jovens e mulheres, incentivando o engajamento e autonomia dessas pessoas;
- Ampliar o acesso a mercados para sementes nativas e outros produtos da sociobiodiversidade;
- Realizar parcerias institucionais com organizações da sociedade civil, órgãos ambientais e instituições de pesquisa para apoiar as ações em andamento – especialmente a coleta, o beneficiamento e plantio de sementes nativas – garantindo a participação das redes comunitárias na elaboração, gestão e execução de projetos;
- Assegurar apoio financeiro contínuo e participação efetiva das redes de sementes na implementação de estratégias regionais e nacionais de restauração (especialmente o Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa – PLANAVEG).



Assim, ao promover a participação social, a equidade de gênero e a conservação ambiental, as redes de sementes de base comunitária demonstram potencial para contribuir de forma integrada para a maioria dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, contribuindo significativamente para a redução da desigualdade social e degradação ambiental. As coletoras e coletores de sementes são atores sociais essenciais para a construção de um futuro mais justo para o Cerrado e para as comunidades que nele vivem.

Referências

AMBIENTAL MEDIA. Cerrado: o elo sagrado das águas do Brasil. 2025. Disponível em: <https://cerrado.ambiental.media/pt/>. Acesso em: 17 jul. 2026.

ARATICUM – ARTICULAÇÃO PELA RESTAURAÇÃO DO CERRADO. Boas práticas para a restauração ecológica inclusiva. Brasília, DF: Araticum, 2025.

BRASIL. Decreto nº 1.946, de 28 de junho de 1996. Cria o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1º jul. 1996.

BRASIL. Lei nº 10.696, de 2 de julho de 2003. Dispõe sobre a repactuação e o alongamento de dívidas oriundas de operações de crédito rural, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 jul. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 17 jun. 2009.

BRASIL. Lei nº 14.628, de 20 de julho de 2023. Institui o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e o Programa Cozinha Solidária e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 15.226, de 30 de setembro de 2025. Altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, para dispor sobre o prazo de validade dos gêneros alimentícios adquiridos no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar e para estabelecer em 45% o percentual mínimo para aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1º out. 2025.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa – Planaveg. Brasília, DF: MMA, 2017.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Plano Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa: rota estratégica para a recuperação de 12 milhões de hectares, 2025–2028. Brasília, DF: MMA, 2025.

COELHO, M. E.; MAIOLI, V. (org.). O valor da restauração: como a cobertura vegetal reduz erosão e gera benefícios econômicos e resiliência hídrica nas Cabeceiras do Pantanal. [S. l.]: WWF-Brasil, 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Base Cartográfica Contínua do Brasil, escala 1:250.000 – BC250: versão 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

MAPBIOMAS. RAD 2025: Relatório Anual do Desmatamento no Brasil 2025. São Paulo: MapBiomas, 2026.

PADOVEZI, A. et al. Native seed collector networks in Brazil: sowing social innovations for transformative change. *People and Nature*, v. 6, n. 5, p. 1905–1921, 2024. DOI: 10.1002/pan3.10692.

RIBEIRO-OLIVEIRA, J. P.; RANAL, M. A. Sementes florestais brasileiras: início precário, presente inebriante e o futuro, promissor? *Ciência Florestal*, v. 24, n. 3, p. 771–784, 2014. DOI: 10.5902/1980509815738.

SAWYER, D. et al. Perfil do ecossistema: hotspot de biodiversidade do Cerrado. Brasília, DF: Supernova, 2018.

SCHMIDT, I. B. et al. Community-based native seed production for restoration in Brazil: the role of science and policy. *Plant Biology*, v. 21, n. 3, p. 389–397, 2019. DOI: 10.1111/plb.12842.

URZEDO, D. I. de; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FELTRAN-BARBIERI, R.; JUNQUEIRA, R. G. P.; FISHER, R. Seed networks for upscaling forest landscape restoration: is it possible to expand native plant sources in Brazil? *Forests*, v. 11, n. 3, art. 259, 2020. DOI: 10.3390/f11030259.





Apoio



Parceiros

